



Maria de Fátima Silva¹

As escavações, há mais de um século, estabeleceram que, no local onde os Gregos situavam Tróia, havia, na Idade do Bronze tardia, uma cidade próspera, fortemente muralhada. Era a cidade mais importante de todo o noroeste da Ásia Menor, e uma das que tinha relações privilegiadas com o mundo micénico. (WEST, 2011, p. 38)

Como narrativa do conflito que confrontou Aqueus e Troianos – Europeus e Asiáticos –, às portas de Tróia, a *Ilíada* é também um primeiro texto em que a questão das diferenças culturais tende a ser colocada². E embora para o poeta da *Ilíada* não exista ainda uma consciência da diferença como aquela que, já no séc. V a. C., a invasão da Grécia pelos Persas veio a aprofundar, é, mesmo assim, certo que, sob alguns aspectos, a individualidade que separa os dois campos é reconhecida e expressa de acordo com critérios que perduraram os mesmos em qualquer dos grandes relatores das guerras pérsicas, Ésquilo, nos *Persas*, e Heródoto, nas suas *Histórias*. Homero antecipa, portanto, em termos muito gerais os parâmetros que haviam de fundamentar a avaliação, que a Atenas clássica polemizou, de Gregos e Bárbaros.

A palavra que veio a consagrar mais tarde a polémica cultural instalada entre Helenos e as outras comunidades fora das suas fronteiras – βάρβαρος – tem, em Homero, um uso restrito, no composto βαρβαρόφωνοι (HOMERO, *Ilíada*, II, v. 867)³; dentro do catálogo dos aliados troianos este epíteto é aplicado aos Cários, um povo de “fala bárbara”,

¹ Professora Catedrática do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

² A nossa análise é, em uniformidade com a observação de Sale (1994, p. 13-21), baseada em dados literários, sem apoio, de resto frágil e polémico, de testemunhos históricos propriamente ditos. E como muito bem diz West (2011, p. 39), trata-se de uma guerra mítica, algo que conhecemos através da saga grega e não de fonte documental. As informações de que dispomos não são, portanto, nem confirmadas nem confirmáveis, mas mesmo assim terão alguma relação com uma realidade histórica.

³ Esta palavra veio a ser, mais tarde, usada por Heródoto (*Histórias*, 8. 20. 2, 9. 43. 2) para “a gente que fala bárbaro”, ou seja, uma língua diferente do grego. Também Estrabão (663) a usa para quem conhece mal o grego. Não tem, assim, antes do séc. V a. C., um sentido abrangente para todo o universo que não fala grego, com as consequências culturais que isso implica; cf. HALL, 1989, p. 9-11. A sua aplicação restrita aos Cários neste passo da *Ilíada* pode ter apenas a ver com o conhecimento particular que o poeta tinha do povo em causa.



incompreensível, desarticulada. À diferença linguística não está, porém, associada nenhuma concepção de uma cultura diversa ou a conotação de um comportamento selvagem. A língua própria é mencionada simplesmente num contexto onde domina o pormenor geográfico (HOMERO, *Ilíada*, II, vv. 868-869), como se fizesse parte de uma relação com um ecossistema específico. Esta mesma relação ganha foros de um princípio, quando se trata de a ampliar, de forma generalizada, aos aliados dos Troianos na sua heterogeneidade. Reunidos e mobilizados perante a iminência do combate, a mole numerosa da liga asiática, formada em volta de Tróia, inspira um símile com a multiplicidade de um rebanho, “balindo sem cessar”; “assim se elevou o clamor (ἰάλλητος) dos Troianos pelo vasto exército⁴. É que nem todos tinham a mesma fala (θρόος) e a mesma linguagem (γῆρυς), mas as línguas estavam misturadas (γλῶσσ’ ἐμέμικτο) porque eram povos de muitas terras” (πολύκλητοι, IV, vv. 436-438)⁵. Em função da tonalidade indistinta, desarticulada, neutra, que resultava do “ruído colectivo de um exército mesclado” (ἰάλλητος, θρόος, γῆρυς parecem remeter para um tom geral, um clamor, mais do que para uma verdadeira linguagem), o registro que dela é dado evita o uso da palavra γλῶσσα; essa reserva-se para exprimir um código linguístico próprio, que cria dissemelhanças em consequência da multiplicidade de áreas geográficas. Logo a diferença linguística serve ora para estabelecer barreiras ‘políticas’, demarcando comunidades distintas, ora como elemento de coesão, na imagem dessa mole imensa cujo ciclo colectivo resultava da mescla de vários tons fonéticos.

O convívio ou a mistura entre povos revestem, já em Homero, constatações de diferença ou juízos de valor, que antecipam, em embrião, contentiosos a aprofundar no futuro, a partir do choque entre Asiáticos e Europeus. Faz parte da leviandade de Páris – na opinião de Heitor que o censura no momento do duelo entre o raptor de Helena e o marido, Menelau (HOMERO, *Ilíada*, III, vv. 47-48) –, arregimentando companheiros paraviagens aventurosas, “estabelecer relações com estrangeiros” (μυχθεῖς ἀλλοδαποῖσι)⁶ e, em terras longínquas (ἐξ ἀπίης γαίης), dar satisfação a paixões incon-

4 West (2011, p. 147) sublinha que o ruído causado pelos Troianos, como um rebanho numeroso, marca o contraste com o silêncio disciplinado dos Aqueus.

5 As traduções da *Ilíada* são as de Lourenço, 2005.

6 Ἀλλοδαπός ocorre de novo em *Ilíada* (XVI, vv. 549-550), onde se aplica a Sarpédon, considerado pelos Troianos “um baluarte da cidade (ἔρμα πόληος), embora “estrangeiro”. Neste caso, a proveniência de Sarpédon de terra distante não impede um verdadeiro acolhimento e partilha com a corte de Tróia, de consequências positivas no plano colectivo. A ideia da diferença entre grego e não grego em Homero é tratada por Mugler (1969, p. 1-13), que explora, neste contexto, o uso do simples pronome ἄλλος, suficiente para “opor países estrangeiros à pátria e nações estrangeiras aos compatriotas”. Ἀλλοδαπός é uma alternativa de sentido equivalente a ἄλλος.



sequentes como a que justificou o adultério de Helena. O príncipe troiano é paradigma do viajante imprudente, que, ao percorrer territórios estranhos e longínquos, outro desígnio não tem que não seja o de dar satisfação aos seus caprichos pessoais. Torna-se, assim, “grande flagelo” para a cidade e para todo o povo (HOMERO, *Ilíada*, III, v. 50). Embora, na sua inconsequência, Páris actue em função de impulsos pessoais, a verdade é que não se apercebe das consequências colectivas e políticas de que o seu estatuto de membro da corte não isenta os seus actos. A insensatez de Páris não foi apenas funesta para o seu povo; exigindo, da parte lesada, retaliação, justificou uma campanha de custo elevado e de sofrimento extremo. Mergulhado no luto pela perda de Pátroclo, que o deprime e o impede de ‘viver’ – avesso a consumir aqueles que são elementos básicos à vida, comida e bebida -, Aquiles, porta-voz do lado invasor, lamenta a infelicidade que resultou de estar a combater em terra estrangeira (ἄλλοδαπῶ ἐνὶ δῆμῳ) por causa de uma mulher (HOMERO, *Ilíada*, XIX, v. 324).

Ultrapassando os pressupostos que justificaram a campanha, o próprio desenvolvimento das hostilidades, ao longo de uma década, fomentou contactos e comparações e justificou a inclusão, na *Ilíada*, de quadros referentes à vida de Tróia e dos seus aliados. Alguns dos traços culturais caracterizadores dos dois blocos e, em alguns aspectos sugestivos de diferenças, constituem já um conjunto de tópicos que virão a representar as traves mestras no desenho clássico do bárbaro.

O DESENHO DE TRÓIA

Epítetos da cidade de Príamo e do seu povo

O esboço que a *Ilíada* vai definindo de Tróia cria uma convenção sobre aquela que se fixa, na imaginação dos Gregos, como, em passado já remoto, a primeira cidade do oriente⁷.

São, antes de mais, os epítetos o elemento poético que dá um quadro impressionista da cidadela de Príamo⁸. Uma primeira impressão, num enquadramento ainda geral, é dada pela paisagem envolvente. Tróia estabeleceu-se

7 Bowra (1960, p. 16-23) procura confrontar os epítetos aplicados a Tróia com os resultados progressivamente conseguidos pela arqueologia, como forma de avaliar o contributo dos qualificativos homéricos para a imagem objectiva da cidade.

8 Dos epítetos aplicados a Tróia, são-lhe exclusivos: εὐδητος, εὐτεχος, εὐπυργος, ἄστρῳ μέγα, ἔσπυλος.



em território “de férteis sulcos”⁹ (ἐριβῶλαξ - III, v. 74, III, v. 257, XVI, v. 461, XXIV, v. 86, ἐριβωλος, XVIII, v. 67, XXIII, v. 215), a planície de Ílion, famosa pelos cavalos que alimenta (Ἴλιον εὔπωλον¹⁰, V, v. 551, XVI, v. 576). Próxima do mar, varrem-na as brisas que lhe merecem o epíteto apropriado de “ventosa” (ἠνεμόεσσα, III, v. 305, VIII, v. 499, XII, v. 115, XIII, v. 724, XVIII, v. 174, XXIII, v. 64, XXIII, v. 297). Aproveitando uma inclinação do terreno, a cidade instalou-se defensivamente no alto de uma colina e, por isso, “íngreme”¹¹ é também um qualificativo conveniente à sua implantação (αἰπεινῆ, IX, v. 419, XV, v. 257, XVII, v. 328, αἰπή, XIII, v. 625, XV, v. 71).

Mas mais do que a paisagem circundante, é sobretudo a robustez e magnificência da sua construção o que impressiona. “Imponente” é a definição apropriada à cidadela de Tróia (ἄστυ μέγα, e. g., II, v. 332, II, v. 803, VI, v. 392, IX, v. 136, IX, v. 278), que se orgulha de ser “bem construída” (εὐκτίμενον¹², IV, v. 33, XXI, v. 433). Tróia tem, portanto, por seu logótipo essencial, as muralhas e as torres, que lhe transmitem uma imagem de poder e segurança, imagem tanto mais desafiadora quanto posta à prova na crise que a avassala¹³. “De belas muralhas”, “de altas muralhas” e “de belas torres” são, assim, dos seus epítetos mais insistentemente repetidos (εὐτείχεος, I, v. 129, II, v.

9 Ἐριβῶλαξ é um epíteto aplicado também a outros territórios, gregos ou asiáticos, que se distinguem pela fertilidade; assim, a Ftia (I, v. 155), a Trácia (XX, v. 485), como também Tarna (V, v. 44, identificada por um escoliasta como Sardes), a Lícia (XVII, v. 172), Larissa (II, v. 841, XVII, v. 301), a Peónia (XVII, v. 350); e ἐριβωλος também à Peónia (XXI, v. 154).

10 Ainda sobre a qualidade dos cavalos troianos e a sua serventia em campo de batalha, cf. V, vv. 221-224, V, vv. 265-267, VIII, vv. 105-107. Lembra Kirk (II, 1990, p. 83) que estes cavalos são os herdeiros dos de raça divina, iniciada por Trós, a quem Zeus, em compensação da sua intervenção no rapto de Ganimedes, os ofereceu. Mostram-se ágeis em movimentos na planície, quer de investida, quer de retirada.

11 O mesmo epíteto – αἰπεινῆ – é aplicado a outras paisagens com a mesma característica, e. g., à montanha de Mícale, II, v. 869.

12 Epíteto também aplicado a Médeon (II, v. 501), a Feres (V, v. 543), a Arisbe (VI, v. 13) e a Iolcos (II, v. 712). Bowra (1960, p. 16) defende que, a par de “bem construída”, este epíteto comporta uma ideia mais ampla de “bem estabelecida, bem implantada”. Apesar de convir a Tróia, este epíteto não alude a qualquer especificidade, mas apenas representa um qualificativo apropriado a cidades em geral.

13 Na tradição mítica, coube a Posídon, alugado por Zeus como jornalista juntamente com Apolo, ao rei de Tróia Laomedonte (VII, vv. 452-453, XXI, vv. 441-457), construir a muralha em volta da cidadela, tarefa digna do poder superior de uma divindade. Além de embelezar a cidade, a muralha surgiu com uma evidente intenção protectora (XXI, vv. 446-447). Juntamente com esta versão, a *Iliada* (XX, vv. 144-148) cita outro episódio mítico que associa com Hércules, então perseguido por um monstro marinho – o que Posídon enviara para se vingar do mau tratamento de Laomedonte, que se recusara a pagar o serviço por ele prestado –, a construção de muralhas pelos Troianos e por Atena, na intenção de proporcionarem abrigo ao herói; sobre esta aventura no mito de Hércules, *vide* ANDREWS, 1965, p. 28-37. Apesar da sua robustez, Tróia tinha, no painel de muralhas, um ponto débil, que a fadava para a ruína (VI, vv. 433-434).



113, II, v. 288, V, v. 716¹⁴; εὐπυργος, VII, v. 71; εὐδητος, XVI, v. 700, XXI, v. 516; τείχεος ὑψηλοιο, XVI, v. 702)¹⁵. De igual robustez partilham os seus portões, também eles “bem construídos” e “altos” (ἀμφὶ πύλης εὖ ποιητῆσι, V, v. 466; ὑψίπυλος, XXI, v. 544)¹⁶. Algumas dessas portas ganharam maior espaço de referência e visibilidade: as portas Dardânicas (V, v. 789, XXII, v. 194, XXII, v. 413), também designadas por Esqueias (Σκαίαι, III, v. 145, III, v. 149, III, v. 263, VI, v. 237, VI, v. 307, XVI, v. 712, XVIII, v. 453)¹⁷, porque situadas do lado esquerdo, na fachada ocidental da muralha, constituíam a entrada principal da cidade. Essas portas foram cenário de alguns dos momentos cruciais na queda iminente de Tróia: a despedida de Heitor e Andrómaca e o recontro final entre o defensor da cidade e Aquiles (VI, vv. 392-393, XXII, v. 6, XXII, v. 360).

Mas nem só a visão exterior da cidadela é impressionante, como é também majestoso o seu traçado urbanístico. “Ampla” (εὐρείη, XIII, v. 433, XXIV, v. 256, XXIV, v. 494, XXIV, v. 774)¹⁸ é um qualificativo que engloba, genericamente, a vastidão e funcionalidade do traçado das suas ruas (εὐρυάγυιαν, II, v. 12, II, v. 29, II, v. 66, II, v. 141, II, v. 329, IX, v. 28)¹⁹ e uma urbanização cuidada de cidade grande, expressa no epíteto “de ruas bem construídas” (εὐκτιμένας κατ’ ἀγυιάς, VI, v. 391). Por elas transita uma po-

14 Bowra (1960, p. 17) sublinha que εὐτείχεος é “mais específico” do que εὐδητος e conclui que a exclusividade desse primeiro epíteto em relação a Tróia abona a sua particular majestade.

15 Sale (1987, p. 32) inventaria o vocabulário equivalente, no poema, a cidade de Tróia: ἄστυ, πόλις, ἴλιος, πτόλις, πύργοι, Τροίη, τεῖχος. E considera (p. 38) que este tipo de muralha seria raro antes de 800 a. C., inferindo, portanto, a partir daí uma datação para a Tróia homérica. Considera que talvez a velha Esmirna lhe tivesse servido de modelo, com as suas muralhas de final do séc. IX a. C. Pérgamo, palavra relacionada com ‘torre’, é também uma designação com frequência aplicada à cidadela, para referir a parte mais alta onde se situavam os palácios e templos; cf. V, v. 446, V, v. 460, VI, v. 512, VII, v. 21, XXIV, v. 700; *schol.* *Iliáda*, IV, v. 508.

16 Hesíquio explica ὑψίπυλος como ὑψηλὰς πύλας ἔχον e considera estar abrangida, além da noção de altura, também a de número, o que implicaria a multiplicidade de portas em Tróia. Bowra (1960, p. 19) chama a atenção para a aplicação rara deste epíteto que, além de Tróia, só se usa para Tebas da Mísia (VI, v. 416). Valoriza ainda a ideia de que a multiplicidade de entradas, decerto responsável por uma imagem de grandeza, tem réplica apenas em relação a Tebas da Beócia, “de sete portas” (ἐπταπύλοιο, IV, v. 406), e a Tebas do Egípto, “de cem portas” (ἐκατόμυλοι, IX, v. 383).

17 Kirk (I, 1985, p. 282-283) discute a questão da correspondência entre portas Dardânicas e Esqueias como diferentes designações para a mesma entrada. Admite a possibilidade de Dardânicas ser a designação de uma entrada distinta, do lado nascente da muralha, na direcção da Dardânia. Sem deixar de considerar, no entanto, que a versão que as faz coincidir, defendida por Aristarco, possa ser a correcta.

18 Epíteto também aplicado à Lícia; cf. VI, v. 173, VI, v. 210, XVI, v. 673, XVI, v. 683.

19 Epíteto também aplicado a Micenas; cf. IV, v. 52.



pulação numerosa, que justifica para Tróia o qualificativo de “bem habitada” (εὖ ναϊόμενον, I, v. 164, II, v. 133, V, v. 489, IX, v. 402). Conclui Bowra (1960, p. 17) da aplicação dos mesmos epítetos a outras cidades ou regiões, que “todos eles são apropriados para Tróia, mas não particularmente individualizantes ou esclarecedores”.

Há outros, pelo contrário, que lhe são exclusivos e que, na opinião do mesmo estudioso (BOWRA, 1960, p. 20), devem reproduzir a imagem real e concreta de Tróia.

Por seu lado os Troianos, como habitantes de uma grande cidade, manifestam, sobretudo quando o perigo os assola, aquela que é a sua principal característica humana, o orgulho ou mesmo a arrogância de quem tem a experiência de um vasto poder e se dispõe, com denodo, a defendê-lo. Por isso se mostram “altaneiros” (ἀγέρωχοι, III, v. 36, V, v. 623, XXI, v. 584), “arrogantes” (ὑπερηνορέοντων, IV, v. 176), “orgulhosos” (ἀγήνορας, X, v. 299, ὑπέρθυμοι, IX, v. 233, XI, v. 564, XIV, v. 15, XV, v. 135), “presunçosos” (ὑπερφίαλοι, XIII, v. 621, XXI, v. 224, XXI, v. 414, XXI, v. 459), “autoconfiantes” (μεγαλήτορες, VIII, v. 523, XXI, v. 55)²⁰, “magníficos” (ἀγαυοί, VII, v. 386, X, v. 563, XVI, v. 103) e “de espírito elevado, magnânimos”, epíteto que partilham com Heitor, o seu comandante, e com alguns dos seus opositores, o que portanto os iguala aos melhores dos Aqueus (μεγάθυμοι, V, v. 27, VIII, v. 155, X, v. 205, XI, v. 294, XI, v. 459, XIII, v. 456, XIII, v. 737, XVII, v. 420; aplicado a Heitor, XV, v. 440).

À resistência anímica, associam o empenho e a agilidade no combate; ombreiam, nas diversas facetas que constroem a *arete* homérica, com os seus adversários, beneficiando da excelência do seu chefe. São “amigos de combater” (φιλοπολέμοισι, XVI, v. 835, XVII, v. 194), sob o comando de um chefe, Heitor, a quem são devidos os títulos que distinguem os melhores: “gloriosos” (φαίδιμος, e. g., VI, v. 472, VI, v. 494, VII, v. 1, VII, v. 90, VIII, v. 489, XVI, v. 577, XVI, v. 588, XVI, v. 649, XVI, v. 727, XVI, v. 760, XVI, v. 858) e “divino” (διός, e. g., VI, v. 515, VII, v. 42, VII, v. 169, VII, v. 192, IX, v. 356, IX, v. 651, XV, v. 15, XV, v. 239, XV, v. 583, XV, v. 652) são repetidos com insistência; a par de “vigoroso” (ὄβριμος, X, v. 200, πελώριον, XI, v. 820), “audaz” (θρασύν, XII, v. 60, XII, v. 210, XXII, v. 455, XXIV, v. 72),

20 Sale (1994, p. 6) sublinha que “vários epítetos (dos Troianos) tendem a exprimir características muito negativas: arrogância, insolência, desdém para com valores civilizacionais”, embora reconheça também que o retrato homérico dos Troianos parece não dar força a estas credenciais. Por sua vez Hall (1989, p. 24-25), considera estes epítetos apenas significativos de um “sentido heróico”, que tanto afecta Troianos como Gregos.



“célere” (θοῶ, XVII, v. 72), “matador de homens” (ἀνδροφόνος²¹, VI, v. 498, IX, v. 351, XVI, v. 77, XVI, v. 840, XVII, v. 616, XVII, v. 683, XVIII, v. 149, XXIV, v. 509, XXIV, v. 724) e, por todas as suas qualidades, “famoso” (κλυτοῦ, XXIV, v. 789)²².

Alguns dos epítetos aplicados aos Troianos e a Heitor parecem ter, com a identidade de Tróia, uma conexão directa. Estão neste caso, desde logo, aqueles que se referem ao armamento que usam; apesar de os metais preciosos não estarem ausentes do armamento aqueu, o ouro e o bronze contam-se entre as preciosidades que Tróia acumula. Assim, alguns dos epítetos mais repetidamente aplicados aos Troianos valorizam o esplendor e atractivo das armas que revestem um povo a quem o qualificativo de “rico” (εὐφρονής, XXIII, v. 81) se apropria. O bronze é o material dominante no armamento troiano. Numa visão geral, os guerreiros de Ílion, quer na sua individualidade, quer no colectivo, estão “vestidos ou armados de bronze” (χαλκοχίτων²³, V, v. 180, XVII, v. 485, χαλκοκορυστής, V, v. 699, VI, v. 199, VI, v. 398, XIII, v. 720, XV, v. 221, XVI, v. 358, XVI, v. 536, XVI, v. 654). Mas sem dúvida o epíteto que melhor sublinha o garbo troiano é aquele que insistentemente se aplica a Heitor, o guerreiro “de elmo faiscante” (κορυθαίολος²⁴, e. g., VI, v. 359, VI, v. 369, VI, v. 440, VI, v. 520, VII, v. 158, VII, v. 233, VII, v. 263, VII, v. 287, XVII, v. 96, XVII, v. 693, XVIII, v. 21).

Conformes à imagem da planície troiana e dos cavalos que apascenta são os epítetos que valorizam a perícia equestre das tropas comandadas por Heitor, “domadoras de cavalos”²⁵ (ἵπποδάμοι, e. g., III, v. 127, III, v. 131, IV, v. 333, IV, v. 352, IV, v. 355, IV, v. 509, VII, v. 38, VII, v. 361, VIII, v. 516, VIII, v. 525, XVI, v. 717, XVII, v. 230, XVII, v. 418), ou “chicoteadoras de cavalos” (κέντορες ἵππων, V, v. 102)²⁶. O próprio Heitor se evidencia como auriga exímio (VIII, vv. 88-90).

21 O mesmo epíteto é aplicado, por exemplo, a Aquiles (XVIII, v. 317).

22 Sale (1994, p. 81-82) não deixa, porém, de sublinhar que, em tempo de paz, os Troianos, mesmo os aristocratas, desempenham tarefas de rotina, no pastoreio (caso de Páris e Eneias), na agricultura (Lícaon) ou na indústria. Este tipo de referências entende-o sugestivo, porque não se aplica aos Aqueus. E daí infere que, no combate, os Troianos são mais ruidosos e indisciplinados, porque mais amadores; não partilham da cultura militar que é própria dos seus adversários.

23 De resto também aplicado aos Aqueus (e. g., I, v. 371, XVIII, v. 105).

24 Epíteto do próprio deus Ares, XX, v. 38.

25 Apesar de o mesmo epíteto poder ser aplicado também às hostes gregas; cf. II, v. 23.

26 Epíteto aplicado também aos Cadmeus, IV, v. 391.



Também no caso dos epítetos aplicados ao povo de Tróia e aos seus chefes, apesar de vários lhes não serem exclusivos, parecem mesmo assim adequados e úteis para a definição de uma imagem da cidade asiática.

Geografia de Tróia

Além dos elementos que os epítetos consagram, da região de Ílion e da imagem robusta da cidadela de Tróia, outras referências, geográficas ou urbanísticas, são de relevo para o aprofundamento do mesmo quadro oriental.

A geografia de Ílion impõe uma interlocução permanente entre a planície, cortada de rios fertilizadores, a cidade “íngreme” e o relevo imponente do Ida. A vida dos Troianos, em tempo de guerra como de paz, faz-se da circulação por este terreno irregular. Quando o foco do quotidiano visa a resistência ao invasor aqueu, as portas de Tróia abrem-se diante da planície, para dar passagem a infantes e condutores de carros puxados por cavalos fogosos (III, vv. 261-263, XVIII, vv. 6-7, XX, v. 3). Planície que, em função da generosidade dos rios que a cruzam, é “dadora de trigo” (πεδίοιο ... πυροφόριοι, XXI, v. 602), fértil em prados floridos (έν λειμῶνι Σκαμανδρίῳ ἀνθεμόεντι, II, v. 467), agora ocupados pela presença destruidora dos exércitos. Com o recrudescer da guerra, todo este território produtivo se converteu em terreno de perigos e ciladas. Assim Lícaon, um dos príncipes de Tróia, foi capturado por Aquiles quando, no pomar paterno, colhia rebentos de uma oliveira para equipar o seu carro (XXI, vv. 34-39).

É na planície que se localiza o emblema fundacional dos Troianos, o túmulo de Ilo, o fundador epónimo de Tróia (Ílion) e avô de Príamo, monumento grande e robusto a exigir dos construtores um esforço másculo (X, v. 415, XI, v. 371-372, XXIV, v. 349). Ao túmulo do herói epónimo juntam-se outros memoriais, que definem a história tradicional da cidade. Assim também (II, vv. 811-814),

existe uma íngreme elevação defronte da cidade,
lá longe na planície, com espaço desafogado em toda a volta,
a que os homens dão o nome de Batieia, mas a que os deuses
dão o nome de Túmulo da Agilíssima Mirina.

Talvez por contraste com “a sedenta Argos” (IV, v. 171), ou em geral com a paisagem mais ressequida da Grécia, o poeta da *Iliada* é insistente no desenho da rede fluvial que cruza a planície troiana. Antecipa, desta forma, o que virá a ser a prática de Heródoto nos seus capítulos geográficos, em que a



valorização dos rios os impõe como um factor condicionante de todo o ecossistema (caso particularmente significativo quando se trata do Nilo, 2. 10-31, ou da impressionante rede hidrográfica da Cítia, 4. 47-58). Nas alturas do Ida situam-se as nascentes de todo um conjunto de rios que, através da planície de Ílion, fluem para o mar. Deles, o canto XII, vv. 18-22 dá um catálogo geral: o Heptóporo, o Careso, o Ródio, o Granico²⁷, o Esepo, o Escamandro e o Simoente. Mas são sem dúvida estes dois últimos, o Escamandro (V, v. 36²⁸, XXI, v. 603) e o Simoente (VI, v. 4), correntes poderosas que acabam por fundir os seus cursos (V, vv. 773-774), os que mais se impõem na narrativa épica. Também chamado Xanto (VI, v. 4), talvez o Escamandro seja, de todos, aquele de que os epítetos dão uma imagem mais impressionante, que, depois de cumprir um longo curso desde a ‘Lícia distante’ (II, v. 877, V, v. 479, XIV, vv. 433-434), mantém, junto a Tróia, toda a sua pujança e fascínio. Assim o testemunham os diversos epítetos que lhe são aplicados: “de fundos torvelinhos” (βαθυδινήντα, XXI, v. 15, XXI, v. 603; “os torvelinhos do Xanto”, Χάνθου διήεντος, XXI, v. 2, XXIV, v. 693), “de lindo fluir” (εὐρρεῖος, XXI, v. 1, XXIV, v. 692)²⁹, “de torvelinhos prateados” (XXI, v. 8), “de correntes profundas” (βαθύρροον, XXI, v. 8), “terrível” em toda a sua potência (ποταμοῖο ... δεινοῖο, XXI, v. 25), correndo por entre barrancos (XXI, v. 26, XXI, v. 171). Por isso, como veremos, lhe é reconhecida origem divina e se lhe atribui um combate extremo com o primeiro dos guerreiros aqueus, Aquiles³⁰.

Não menos exuberantes do que os rios são as escarpas do Ida, a montanha poderosa que completa a paisagem junto a Tróia e interfere, sob vários aspectos, na vida da cidadela de Príamo e no curso da guerra. Às referências

27 Estes quatro primeiros são rios só referidos neste passo; embora não atravessem a planície de Tróia, constituem, no entanto, uma lista convencional (cf. HESÍODO, *Teogonia*, vv. 338-345).

28 O epíteto de “arenoso” (ἡιόεντι, V, v. 36) é hápax em Homero. Sobre os epítetos aplicados ao Escamandro e a sua diversidade, *vide* KIRK, RICHARDSON, VI, 1993, p. 53-54.

29 Cf. εὐρρεῖταιο (VI, v. 34) aplicado ao Satnioente.

30 Aos rios de Tróia, o poema atribui um papel na guerra, como que integrando a natureza envolvente no conflito. Eles são, por vezes, cenário de duros combates e sepultura para muitos guerreiros (XXI, vv. 7-26, XXI, vv. 120-127, XXI, vv. 203-204), esses mesmos rios que antes foram objecto de oferendas e de culto por parte dos Troianos (XXI, v. 130-132). Por isso, em paga de uma dívida de gratidão, os rios se insurgem contra o invasor e se empenham num derradeiro esforço de defesa (XXI, vv. 136-138). Particularmente significativa é a luta mítica que Aquiles vai travar com o Escamandro. Numa reacção crescente, o rio começa por infiltrar ânimo no espírito dos combatentes troianos (XXI, vv. 145-146), até ao momento em que, enfurecido com a chacina levada a cabo pelo Mirmidão, o Escamandro se assume como um verdadeiro opositor de Aquiles (XXI, vv. 212-213) e com ele trava um terrível duelo (XXI, vv. 214-382). Por trás da explicação mítica, o poema não deixa de salientar a harmonia natural que liga todos os elementos do ecossistema e a poluição ambiental que a guerra traz à natureza impoluta da Tróade.



que lhe são feitas na *Iliada* não escapa a altitude e extensão dos seus cumes, que, pelo seu fascínio misterioso, foram tidos como cenário ideal para morada de deuses e para amores divinos³¹. O Ida, como outros montes ou rios, serviu de moldura para esse tipo de quadros, que se tornaram convencionais na literatura grega. Foi nas faldas do Ida (“Ἰδης ἐν κνημοῖσι, II, v. 821; cf. XXI, v. 449) que Eneias, um herói com visibilidade, foi gerado (V, vv. 312-313). Como foram também os seus recessos o lugar escolhido pelo primeiro dos pares divinos, Zeus e Hera, para um encontro romântico; vinda de Lemnos, a deusa chega a Lectos (XIV, vv. 281-284), o cabo no extremo ocidental da Tróade, até onde a cadeia do Ida se prolonga, para a seguir, por terra, continuar na sua marcha pela montanha, até ao Gárgaro, “um píncaro do Ida elevado” (Γάργαρον ἄκρον Ἰδης ὑψηλῆς, XIV, vv. 292-293, XIV, v. 352, XV, v. 152; Ἰδης ἐν κορυθῆσι, XIV, v. 332, XXII, v. 171). E, naturalmente, o próprio Páris, pastor do Ida, foi no mesmo cenário que traçou o seu destino e o de Tróia, ao apoiar Afrodite no julgamento das deusas, que lhe prometia a mais bela das mulheres, Helena³². Em igual cenário, o próprio Apolo foi também condutor de gado (XXI, vv. 448-449). E, por fim, como consagração da presença divina nas montanhas, Zeus teve aí o seu templo (Διὸς ... Ἰδαίου, XVI, vv. 604-605), onde Heitor costumava homenageá-lo com sacrifícios abundantes (XXII, vv. 170-171).

O Ida está igualmente ligado ao passado mais remoto de Tróia, aos dias distantes em que a cidade nem mesmo existia ainda, “construída na planície como cidade dos homens mortais”, quando vivia Dárdano, o fundador epónimo da Dardânia. Esse era o tempo em que os primeiros Dardânios “habitavam as faldas do Ida” (XX, vv. 215-218).

O carácter agreste, mas também exuberante, da paisagem montanhosa do Ida é consagrado, mais uma vez, nos seus epítetos: “de muitas escarpas”

31 Sítnio, o filho de Enops, nasceu de uma relação do pai com uma bela ninfa, quando apascentava rebanhos nas margens do rio Satnioente (XIV, vv. 444-445); do mesmo modo que Ifítion, filho de Otrintes, nasceu de uma ninfa “nas faldas do Tmolos gelado” (XX, 385), ou ainda que a mãe de Simésio, em companhia dos pais, desceu do monte Ida até às margens do Simoente (IV, vv. 473-477). Estes são tópicos que antecipam em Homero, de acordo com Griffin (1992, p. 559), o elemento bucólico. E acrescenta o mesmo autor (p. 560): “Estes são *flashes* idílicos de cenas de amor na montanha, que oferecem ao auditório homérico um outro mundo, muito distante do circuito do montandade”; e, constatando que quadro equivalente dos amores de Peleu e Tétis, os pais de Aquiles, está ausente de Homero, conclui (p. 566): “Estas cenas eram sentidas como próprias da Ásia e o facto de a acção da *Iliada* se situar na Ásia trouxe grandes consequências à literatura grega”.

32 Não há, na *Iliada*, referência clara ao julgamento das deusas por Páris. Talvez o passo XXIV, vv. 25-30 se lhe refira, mas esta é uma relação controversa. Sobre a polémica gerada pela interpretação deste passo, *vide* KIRK, RICHARDSON, VI, 1993, p. 276-278.



(πολύπτυχος³³, XXI, v. 449, XXII, v. 171), mas também “denso em florestas” (ὕληέσσης, XXI, 449)³⁴ porque fortemente irrigado pelas suas múltiplas fontes (πολυπῖδαξ, VIII, v. 47, XIV, v. 157, XIV, v. 283, XIV, v. 307, XV, v. 151, XX, v. 218, XXIII, v. 117), e povoado de feras (XIV, v. 283, XV, v. 151). Algumas das suas espécies florestais mais específicas são também identificadas: os pinheiros gigantes que quase tocam o céu (XIV, 287-288) e os carvalhos de copas elevadas (XXIII, v. 118).

A rigidez própria dos epítetos, verdadeiras pinceladas no delinear permanente de uma tela, ganha vida quando os cenários por eles definidos se povoam de homens. Assim, a perseguição que Aquiles desencadeia contra Heitor permite o avanço através do Ida e traz memórias do tempo em que a paz reinava nos seus recessos (XXII, vv. 145-156). Uma figueira³⁵ sacudida pelo vento estabelece o limite que dá acesso às primeiras nascentes, as do Escamandro. Dessas fontes gémeas brotavam, como que por capricho da natureza, de uma água quente – “à volta dela se formava vapor como fumo que surge de um fogo ardente” -, da outra água fria – “como granizo, ou como gélida neve ou como o cristal de gelo na água”. Aí os Troianos, rentabilizando os dons da natureza, haviam construído, em pedra, os lavadouros, onde as mulheres, nos já saudosos tempos de paz, vinham lavar as roupas. A mesma paz era então a moldura que enquadrava também cenas bucólicas, em que pastores, mais tarde transformados em guerreiros, apascentavam os seus rebanhos. É esse o caso de Eneias (XX, vv. 90-91, XX, vv. 188-190), como de alguns dos filhos de Príamo (XI, vv. 106-108), que, em contexto de guerra, passaram a ser exemplo dos riscos que os pastores corriam e de como o Ida se transformou também em território invadido pelos Aqueus. Mesmo assim, as florestas do Ida continuaram a servir de esconderijo a guerreiros troianos em fuga, que aí encontravam refúgio, até que a noite lhes permitisse o retorno seguro à cidadela (XXI, vv. 556-561).

Quando a guerra veio perturbar a tranquilidade das tarefas domésticas, o Ida continuou ainda a oferecer a riqueza das suas madeiras, agora quase inacessíveis aos Troianos, porque cercados dentro das muralhas e recessos dessa exposição ao inimigo. Só graças a uma trégua generosamente concedida por Aquiles, Príamo pôde recolher no Ida a lenha necessária para a pira funerária

33 Epíteto convencional de montanhas particularmente elevadas, também aplicado ao Olimpo (VIII, v. 411).

34 Ida significa justamente ‘floresta’.

35 Kirk & Hainsworth (III, 1993, p. 243-244), chamam a atenção para a insistência de menções desta figueira como identificadora da geografia de Tróia, que, na *Ilíada*, parece sobretudo obedecer a um propósito poético; cf. VI, v. 433, XI, v. 167.



de Heitor (XXIV, vv. 662-663). Em contrapartida, é sobretudo ao inimigo que o Ida passou a abastecer dos materiais em que era fértil. Foi com tábuas de pinheiro do Ida e colmo dos prados que os Mirmidões construíram a tenda de campanha de Aquiles (XXIV, vv. 450-451). E, na hora de homenagear o cadáver de Pátroclo, foi também aos carvalhos do Ida que os Aqueus foram buscar o combustível necessário (XXIII, vv. 117-121).

TRÓIA, A JÓIA DO ORIENTE

Foi neste cenário fértil e privilegiado pela natureza que veio a instalar-se uma cidade, a que o destino prometia tempos de apogeu, construído sobre inumeráveis riquezas e sobre um luxo requintado, antes que os deuses determinassem a sua extinção numa nuvem de fumo. De facto, antes da chegada dos Aqueus, Tróia vivia tempos de enorme prosperidade (IX, vv. 402-404, XVIII, vv. 288-289).

Se o Ida foi como que o berço desta civilização oriental, a genealogia troiana³⁶ acrescentou, ao simples estabelecimento num local promissor, entendido por Dárdano, uma fortuna de que já o seu herdeiro, Erectónio, foi paradigma (XX, vv. 219-229). Dele se pôde dizer “que se tornou o mais rico dos homens mortais” (ἀφνειότατος γένητο θνητῶν ἀνθρώπων, XX, v. 220), graças à manada de “três mil cavalos que tinha nas suas pastagens” (XX, v. 221). A fertilidade dos equinos, a principal ou única nesses primórdios, fonte de riqueza de uma ainda jovem Tróia, pareceu assegurada pelo próprio vento, abundante na região³⁷, que vinha naturalmente empenhar as éguas. Esse foi o tempo em que toda a paisagem de Ílion se uniformizou numa harmonia idílica (XX, vv. 225-229):

*As éguas empenharam e pariram doze poldras,
as quais ao saltitarem sobre a terra dadora de cereais
corriam sobre o grão cimeiro das espigas sem as quebrar;
e quando saltavam sobre o vasto dorso do mar
corriam por cima das ondas do mar salgado.*

Mas outros tempos chegaram em que a protecção da floresta do Ida foi trocada pela magnificência do palácio de Tróia e pela amplitude das pastagens recortadas por divisórias de pedra, que delimitavam propriedades (XXI, vv. 403-405). De novo os epítetos contribuem para a impressão geral produzida

36 Sobre a genealogia troiana, vide KIRK, EDWARDS, V, 1991, p. 317-318.

37 Vide *supra* o epíteto de “ventosa”.



pela residência real de Tróia; “lindíssimo palácio” (δόμος περικαλλής, III, v. 421, VI, v. 242), “mansão bem construída” (δόμους εὖ ναιετάοντας, VI, v. 370) e, por isso, “famosa” (κλυτὰ δώματα, XXIV, v. 719).

Aos epítetos juntam-se as descrições mais minuciosas, quer da estrutura geral do palácio, quer do requinte dos aposentos³⁸. A primeira impressão que o poeta pretende passar é a da multiplicidade das divisões, dimensionadas pelo número mítico dos cinquenta filhos de Príamo, aqui acrescidos de doze filhas (VI, vv. 244-250):

*Havia cinquenta aposentos de pedra polida,
construídos uns perto dos outros: era lá que dormiam
os filhos de Príamo, ao lado das suas esposas legítimas;
do outro lado, em frente, dentro do pátio, ficavam
das filhas os doze aposentos de pedra polida,
construídos uns perto dos outros: era lá que dormiam
os genros de Príamo, ao lado de suas esposas virtuosas.*

À dimensão junta-se a robustez elegante da pedra de uma construção “adornada de polidas colunatas” (VI, v. 243), que mantinha, apesar da proximidade familiar que privilegiava, alguma independência entre os sectores de filhos e de filhas. À primeira imagem de uma certa uniformidade, que sobretudo contabiliza aposentos, acrescenta-se alguma individualização, que inclui a noção de gosto pessoal, adequado a uma personalidade específica. É o caso dos aposentos que Páris adaptou aos seus gostos requintados, talvez dos mais luxuosos de todo o conjunto arquitectónico de Tróia (VI, vv. 313-317):

*Heitor dirigiu-se ao belo palácio de Alexandre:
o palácio que ele próprio construira com homens
que eram os melhores construtores em Tróia de férteis sulcos
Foram eles que lhe fizeram o tálamo, a sala e o pátio,
perto dos palácios de Príamo e Heitor na Acrópole.*

Esta é a moldura de qualidade que o próprio Páris preparou para um quotidiano de luxo requintado. Com um toque verdadeiramente oriental, Afrodite descreve-o “no tálamo, reclinado na cama embutida, resplandecente na sua beleza e belas roupas” (III, vv. 391-392); é nesse belo cenário que Páris repousa, não dos ardores do combate, mas no intervalo de um baile de corte (III, vv. 392-394).

³⁸ Kirk (VI, 1990, p. 193), refere-se a este passo como “the charming and naive description of Priam’s palace”.



Como edifícios públicos, a cidadela abriga ainda os templos de Atena (VI, v. 88) e Apolo (V, vv. 445-448, VII, v. 83) e, sobretudo, o templo de Zeus (XXII, v. 172). A realização de assembleias ‘plenárias’ diante das portas do palácio do rei implica um espaço amplo. E Sale (1994, p. 58), ao incluir na descrição do interior das muralhas as residências urbanas e os quartelamentos militares dos aliados, pode concluir: “Homero está claramente a retratar Tróia como uma enorme cidade muralhada, onde os muros abrigam uma ágora, ruas, casas, além da acrópole”.

São inúmeras as preciosidades que circulam no normal quotidiano da cidade, porque a riqueza, ainda que amontoadá no palácio, passa também pelas mãos de alguns particulares³⁹; assim, por exemplo, Podes, um troiano do círculo de Heitor, “um homem rico e valente” (XVII, vv. 575-577). Os metais preciosos que a cidade possui fazem jus à sua fama (“os tesouros que dizem possuir Ílion”, IX, vv. 401-402), que a tornaram célebre, ou ‘mítica’ (μυθέσκοντο, XVIII, v. 289), no mundo inteiro, porque “rica em ouro e rica em bronze” (πολύχρυσον πολύχαλκον, XVIII, v. 289), como rico é também o seu soberano (ἀφνειός, XXIV, v. 398). Certo dessa realidade, Agamémnon promete a Aquiles que, tomada Tróia, poderá “encher uma nau com ouro e bronze” do saque (IX, v. 137). Mas os próprios aliados dos Troianos, nas suas posições face ao evoluir da guerra, não são imunes ao fascínio da cidade de Príamo; assim “o fogoso Antímaco, que na esperança de receber ouro de Alexandre, gloriosos dons, especialmente se opôs a que Helena fosse restituída ao loiro Menelau” (XI, vv. 123-125)⁴⁰. A ela certamente afluí a prata, originária de regiões vizinhas (II, 857); de resto, a diplomacia desenvolvida por Tróia junto dos seus vizinhos e aliados contribuiu para o fortalecimento das suas riquezas (XXIV, vv. 234-235). O aparato da vida na corte torna-se visível no exterior pela ostentação que representa, por exemplo, “o carro lindíssimo de Príamo”, atrelado a velozes corcéis (περικαλλέα δίφρον, III, vv. 261-263, III, v. 312).

De todas estas preciosidades, a caixa forte do palácio é a reserva central. Ela mesma faustosa na sua construção – “fragrante de cedro e alta” –, acumulava inúmeras preciosidades (ἐς θάλαμον κατεβήσεται κηρώντα κέδρινον ὑψόροφον, ὃς γλήνεα πολλὰ κεχόνδει, XXIV, vv. 191-192). Entre os tesouros que aí se preservavam estão os tecidos de Sídon, vestidos ricamente bordados (οἱ πέπλοι παμποίκιλα ἔργα γυναικῶν Σιδονίων, VI, vv.

39 Morris (2001, p. 71) não tem dúvidas em afirmar que os heróis conheciam bem os produtos de luxo do oriente, do Egipto e da Fenícia, e considerar que esta realidade nos poemas faz mais sentido em relação ao séc. VIII a. C.

40 Talvez este suborno proposto por Alexandre fosse um tópico dos *Cypria*.



288-289)⁴¹, de grandes dimensões e com um brilho luxuoso, dignos de uma oferenda à mais venerável das deusas; assim Hécuba escolhe, por suas mãos, o melhor (κάλλιστος ... ποικίλμασιν ἤδὲ μέγιστος, ἀστῆρ δ' ὡς ἀπέλαμπεν, XXIV, v. 194-195) para propiciar as graças de Atena para a sua cidade em perigo. A par da rainha, também as filhas e noras partilham do mesmo luxo; Helena, que pranteia Heitor e tudo o que a sua morte representa de vulnerabilidade para o futuro de Tróia, lembra “as cunhadas de belos vestidos” (XXIV, v. 769), como marca do ambiente elegante da corte a que a Espartana é naturalmente sensível⁴². A própria Helena no exílio passou a conviver com as preciosidades normais no quotidiano da corte; os bordados com que ocupa o tempo usam, como material, a púrpura, sem modéstia nem restrições (III, vv. 125-126; cf. XXII, v. 441, sobre o tecido de púrpura também, confeccionado por Andrómaca).

Nem só as mulheres exprimiam, em Tróia, uma imagem de requinte; os homens viviam viciados por igual aparato, que, em tempo de guerra, se tornou para os próprios Troianos desajustado e apreensível. Por isso, perdidos os mais valentes dos seus filhos e sobretudo Heitor, Príamo não poupa censuras aos restantes, onde reconhece inutilidade e cobardia. Atrás da futilidade vêm as naturais imprudências, que só desprestigiam a autoridade régia: “Mentirosos e bailarinos de pé leve, peritos no bailar e no roubar cordeiros e cabritos ao próprio povo” (XXIV, vv. 261-262), os príncipes dão de Tróia uma ideia condenável. Entre eles brilha Páris, que, embora envolvido nos perigos do combate, mesmo assim revela sinais inequívocos da mesma inconseqüência; perante o valente Diomedes a quem acabava de ferir com uma seta, Páris aparecia de um esconderijo “rindo-se aprazivelmente” e proferindo palavras de gabarolice (XI, vv. 378-379). À sua leviandade juvenil e arrogante, o Tídidia respondeu com uma denúncia impiedosa (XI, v. 385): “Archeiro, injuriador! Vaidoso do teu penteado, sedutor de virgens”. É assim, na opinião do valente aqueu, que se comporta quem faz da futilidade o seu armamento e da conquista amorosa o seu campo de guerra, num momento que talvez seja dos mais expressivos para o contraste entre a Grécia e o oriente.

Mas, sem dúvida, o indício da popularidade destas câmaras de tesouro, reportadas ao oriente na *Iliada*, é a sua utilização como inspiradoras de símiles. Num contexto que descreve o ferimento sofrido por Menelau em combate,

41 Além do requinte do trabalho feminino de Sidon, a *Iliada* (XXIII, v. 743) distingue também os Sidônios como “excelentes artífices”.

42 Alguns epítetos aplicados às mulheres de Tróia - “de cinturas profundas” (Τρωιάδων βαθυκόλπων, XXIV, v. 215), e “de longas vestes a arrastar” (ἐλκεσίπεπλος (este exclusivo das Troianas), VI, v. 442, VII, v. 297, XXII, v. 105) – generalizam a mesma elegância e requinte.

que o tinge do vermelho do sangue, um símile é construído sobre a policromia vibrante que enche a câmara do tesouro de uma casa abastada (IV, vv. 141-145):

*Tal como quando uma mulher tinge de púrpura o marfim –
mulher da Meónia ou da Cária – para adornar o bocete dos cavalos,
e jaz na câmara de tesouros e muitos são os cavaleiros
que desejam levá-lo; mas ali permanece como adorno do rei,
adereço com o qual tanto o cavaleiro como o cavalo se glorificam.*

O foco da apreciação é colocado desta vez em objectos de utilização masculina, na glorificação da imagem de nobreza dos cavaleiros.

Por fim, na hora do perigo supremo que Príamo está disposto a correr para resgatar, junto de Aquiles, o corpo de Heitor, quando Zeus lhe envia um presságio favorável, o símile da câmara do tesouro regressa, para desenhar o voo potente da águia do deus (XXIV, vv. 317-319):

*Tão ampla como a porta da câmara do tesouro
de um homem rico, porta bem provida de ferrolhos –
tão ampla assim é a extensão das suas asas.*

Ao que antes era sinal de fausto e de estabilidade numa corte poderosa, a guerra veio impor outras funções e um desgaste até então imprevisível. Heitor pode fazer o balanço da crise económica que se apoderou de Tróia, após um 'outroira' em que o ouro e o bronze se acumulavam na cidade, e o 'agora', em que a riqueza se foi esvaindo (XVIII, vv. 291-292),

*pois muitas riquezas à Frígia e à agradável Meónia
foram vendidas, desde que se encolerizou o grande Zeus.*

Se alimentar a máquina de guerra foi delapidando o tesouro troiano, o progresso do conflito foi empenhando outros gastos, como aqueles que advieram das capturas e das baixas, no sentido de resgatar as suas vítimas. Príamo, constantemente atingido pelas capturas infligidas aos seus múltiplos filhos, afirma-se disposto a pagar, a peso de bronze ou de ouro que possui em abundância, a sua libertação (XXII, v. 49-50, XXIV, v. 502, XXIV, v. 579). Mas é sobretudo perante a baixa suprema provocada por Aquiles na defesa de Tróia e na promessa de um futuro para a cidade – a morte de Heitor –, que Príamo dá largas à generosidade, tendo em conta o valor da vítima e a agressividade do inimigo. Da câmara do tesouro, o velho soberano retira para esse objectivo



preciosidades (XXIV, v v. 190-191, XXIV, v v. 275-276), que o poema descreve com sugestivo detalhe (XXIV, vv. 228-235):



*Falou; e abriu as belas tampas das arcas.
De lá tirou doze vestes lindíssimas,
doze capas de dobra simples e outros tantos tapetes;
e outras tantas mantas brancas e outras tantas túnicas.
De ouro pesou e levou dez talentos ao todo,
e duas trípodas refulgentes e quatro caldeirões;
e uma taça lindíssima, que lhe haviam dado os Trácios
quando lá fora numa embaixada, grande tesouro!*

O próprio Hermes, que incentiva Príamo, acolhido à hospitalidade de Aquiles, a regressar à cidadela antes que a sua presença no acampamento inimigo seja detectada, avalia como 'exorbitante' (πολλὰ δ' ἔδωκας, XXIV, v. 685) o resgate pago. Mas pode imaginar que um eventual resgate que houvesse a pagar pelo próprio Príamo, se o inimigo o capturasse em vida, iria no mínimo triplicar os gastos investidos na recuperação do cadáver de Heitor (XXIV, v v. 686-688). Os resgates são, portanto, na diplomacia da guerra, uma exigência que põe à prova a capacidade financeira de cada uma das partes e que contribui para a exaustão dos tesouros acumulados⁴³.

UM QUADRO AMPLO DO ORIENTE: OS ALIADOS DE TRÓIA

A Tróia, na *Iliada*, a cidade invadida pelos Aqueus e, por isso, na mira do poeta, vem juntar-se, por força dos aliados que lhe aderem na resistência, uma teia de outras regiões ou cidades que, no conjunto, ampliam o retrato homérico do oriente. Se, face aos acontecimentos, todos estes aliados são considerados sobretudo em função do contributo que podem trazer ao conflito, não perdem por isso independência e alguma identidade própria.

A presença das forças aliadas, na crise que assolou Tróia e toda a região ocidental da Ásia Menor, tem, como primeiro objectivo, a defesa global de um território todo ele afectado pela invasão aqueia, mas parece também representar a consequência de uma política de relações externas desenvolvida entre os diferentes núcleos populacionais. É, assim, evidente que a prática da hospitalidade (*xenia*) fundamentou essa coesão. Um caso expressivo é o de Axilo,

43 Nem só a corte troiana se viu forçada a investir parte das suas riquezas no resgate dos seus membros das mãos dos inimigos. Outras cidades e famílias abastadas, por motivos idênticos, se propuseram pagamentos avultados, em "bronze, ouro e ferro muito custoso de trabalhar" (VI, 46-49, XI, 131-135).



homem rico e estimado em Arisbe que, por viver em local de passagem, era generoso na hospitalidade (VI, vv. 12-15). Mas não menos acolhedora era a cidade de Príamo no seu relacionamento regional. Não foi despiciecia a política de alianças que certamente o soberano de Tróia fundamentou em múltiplos casamentos com várias mulheres orientais, para além de Hécuba, de quem teve uma ampla progenitura (XXI, v. 88, XXIV, v. 495)⁴⁴. Como significativo era também que, aos estrangeiros, os Troianos reconhecessem o mérito e lhe prestassem homenagem; Sarpédon, por exemplo, “era para eles o baluarte da cidade, embora estrangeiro” (ἔρμα πόλῃος ἔσκε καὶ ἄλλοδαπός περ ἑών, XVI, vv. 549-550), como “hóspede e amigo” (XVII, v. 150); ou Ásio, de Ábido, para Heitor “era de todos os hóspedes o mais caro” (XVII, vv. 583-584).

Por isso, chegada a hora da crise, Tróia pôde contar com o apoio dos aliados sem o qual a sobrevivência da sua cidade seria impossível (XVII, v. 144-145). Mesmo assim, à defesa de um objectivo comum que juntou toda uma profusão de comunidades, vieram acrescentar-se outros factores em tempo de combate: sem dúvida a autoridade, ou mesmo censura, que os Troianos souberam tolerar aos seus aliados, como também a perspectiva de algumas vantagens a auferir do conflito.

Em tempo de guerra, aos aliados dos Troianos eram permitidas opiniões e até censuras ao comando, como as que o lício Glauco dirige a Heitor (XVII, v. 142) – “Heitor, és um homem lindo⁴⁵, mas na guerra deixas muito a desejar” –, como introdução a um rol de reprovações que denunciam a fraqueza do chefe troiano como indigna do empenho e do risco que os seus aliados investem na campanha. Em contrapartida, Tróia, se beneficia desse reforço de combatentes, investe na sua manutenção gastos vultuosos, como Heitor desassombadamente pode afirmar perante os aliados (XVII, vv. 225-226): “Com esta intenção depaupero o povo por causa dos dons de comida com que aumento a coragem de cada um de vós”. Mas para lá das despesas de manutenção, parece evidente que a promessa de prémios constituísse uma forma de comprometer esforços, mesmo entre os Troianos directamente visados pela necessidade de defesa. É este o argumento com que Heitor pretende mobilizar um espiã para uma missão de risco entre os inimigos (X, vv. 303-312); como vai no mesmo sentido a denúncia com que Aquiles interpela a ousadia inusitada de Eneias, que se atreve a defrontá-lo em campo aberto e sem o resguardo dos companheiros (XX, vv. 179-186):

44 Este é um costume contrastante com a prática grega e, por isso, identificativo do oriente. Sobre as diversas esposas de Príamo, *vide* KIRK, RICHARDSON, VI, 1993, p. 325-326.

45 Este é um insulto destinado a incomodar Heitor, quando ele mesmo se tinha dirigido em tom de censura a Páris com reprovações semelhantes; cf. III, v. 39 = XIII, v. 769.



(...) Será que o coração te manda combater contra mim,
na esperança de entre os Troianos domadores de cavalos da honraria de
Príamo te assenhoreares? Porém nem que me matasses,
não seria por isso que Príamo te poria tal prêmio nas mãos.
Pois ele tem filhos, além de que tem juízo e não está demente.
Ou será que os Troianos te demarcaram um domínio senhorial
superior aos outros: terra de pomares e lavoura para nela habitares no caso
de me matares? Porém eu penso que dificilmente o farás.

São estes, portanto, os objectivos colectivos e os móveis pessoais que atraem forças dos muitos aliados e cidadãos troianos presentes na campanha.

Ao analisar o catálogo que o poema produz das forças troianas, Kirk (I, 1985, p. 248) não deixa de salientar o quanto – por contraste com o catálogo dos Aqueus - ele é limitado, denotando um conhecimento imperfeito do ocidente da Ásia Menor, mesmo assim a região mais bem conhecida, e de sublinhar a progressiva ignorância sobre comunidades situadas no interior. No entanto, alguns dos elementos contidos neste catálogo são interessantes para uma imagem do oriente como o entendia a época arcaica.

Reconhecendo a Príamo o ascendente e a consideração de que goza entre os seus vizinhos, Aquiles dá, em traços gerais, o contorno de uma fronteira, como ela aparece certamente aos olhos dos Aqueus (XXIV, vv. 544-546):

*Tudo o que até Lesbos, sede de Mácaro, está compreendido,
e lá para cima, para a Frígia, assim como o amplo Helesponto:
dizem que entre estes povos eras distinto pela riqueza e pelos filhos.*

Aqui está apenas considerada a faixa ocidental desse mundo asiático, que confina com a Grécia, e que lhe é, por isso, mais familiar: Lesbos a sul, a Frígia a oriente e o Helesponto a norte. Mas o poema alarga as fronteiras do mundo asiático para além desta franja marítima.

É, desde logo, através dos contingentes presentes em Tróia que a multiplicidade de cidades aliadas ganha dimensão. Íris, a mensageira dos deuses, deixa, em termos gerais, uma referência ao número⁴⁶ e à diversidade de populações que constituem o enorme xadrez asiático (II, vv. 803-804): “É que na grande cidadela de Príamo estão muitos aliados; e tem a sua própria língua cada um destes homens dispersos” (πολλοὶ ... ἐπίκουροι, ἄλλη δ' ἄλλων γλῶσσα πολυπερέων ἀνθρώπων). Língua e raça são as marcas essenciais

⁴⁶ Sobre os números alistados de um e do outro lado na guerra de Tróia, vide SALE, 1994, p. 54-62.



da dispersão que se percebe na mole imensa de combatentes. Do conjunto, porém, os sucessivos catálogos das forças troianas e aliadas produzem o desdobramento deste amontoado anónimo e a identificação progressiva das diferentes células. Os critérios e as estratégias poéticas usados para os aliados replicam os que o poeta usou no desenho de Tróia. Contexto geográfico, com predominância para os rios, construções urbanas, potencial económico contabilizado em gado, em metais ou outros produtos preciosos, multiplicam, por todo o oriente conhecido, um desenho coeso, apesar da diversidade.

O primeiro catálogo dos Troianos no poema (II, vv. 816-877) organiza-se numa sequência que, naturalmente, dá a Tróia a prioridade⁴⁷. São os seus comandantes, Heitor, Eneias, os filhos de Antenor, Arquéloco e Acamas, os referidos em primeiro lugar. E, a partir daí, o círculo vai-se alargando na perspectiva de um progressivo afastamento, das cercanias de Tróia até regiões mais remotas. Aos Troianos, seguem-se então outros habitantes da Tróade, os de Zeleia desde logo, situada no sopé do Ida (II, vv. 824-825); tal como em Tróia, na vizinha Zeleia vivem homens ricos⁴⁸, que beneficiam da presença fertilizante da “água negra do Esepo” e se protegem nas muralhas de uma cidadela (IV, v. 103, IV, v. 121). Seguem-se os Mísios⁴⁹, identificados por várias referências geográficas (II, vv. 828-829): de três das suas cidades, Adrasteia, Pitieia e Apeso, e da marca mais emblemática da sua paisagem, “a escarpada montanha de Tereia”; mas são também memoráveis as mulas que ofereceram a Príamo (XXIV, v. 277-278). Além de vizinhos, os comandantes mísios tinham com a Tróade um parentesco directo, como filhos “do Percósio Mérops” (II, v. 831), o que leva à menção seguinte às cidades de Percota⁵⁰ e Práctio (II, v. 835). Da mesma região da Propôntide, vieram aliados de Sesto (II, v. 836), da fronteira Ábido (II, v. 836, XVII, v. 584), uma de cada lado do sítio mais estreito do Helesponto, e de Arisbe (II, v. 836, *εὐκτιμένην ἐν*

47 É consensual entre os estudiosos do poema que o catálogo dos Troianos é feito em termos mais genéricos do que o dos Aqueus. Há casos em que se lhes não atribui cidades de referência, ou em que as que se menciona são sobretudo costeiras.

48 Em V, vv. 612-613, colaborando para a mesma ideia de riqueza transversal aos habitantes da Tróade, é referido Ânfon, uma das vítimas de Ájax Telamónio, como alguém que habita Peso, “homem de grande fortuna e propriedades” (*πολυκτῆμων πολυλίης*); a insistência em *πολυ-*, como qualificativo de abundância que fundamenta a pujança do oriente, é repetido como seu inconfundível atributo.

49 De novo referidos por Dólón quando, cobardemente, responde às perguntas de Ulisses, em missão de espionagem, com um breve catálogo do aquartelamento troiano: II, vv. 858-861, X, v. 430.

50 Percota, situada na zona sul da costa do Helesponto, é de novo referida em XI, v. 229 e, pelas suas pastagens e pastorícia, em XV, v. 547-548.



Ἀρίσβη, II, vv. 838-839, VI, v. 13, XII, vv. 96-97, XXI, v. 43), montados em fogosos cavalos que as pastagens irrigadas do rio Seleis alimentavam. Um corpo de lanceiros veio de Larissa “de férteis sulcos”⁵¹, habitada por Pelasgos (II, v. 840-841, X, v. 429, XVII, v. 301).

Como bem assinala Mazon (1972, p. 63), antes de passar a outros povos da Ásia mais afastados de Tróia (II, v. 851 sqq.), o poeta enumera os aliados europeus de Príamo, Trácios, Cícones e Peónios. Contidos pelo Helesponto, estão os Trácios (II, vv. 844-845, IV, vv. 532-538, X, v. 434, XXIV, vv. 234-235), povo de imagem exótica, “com o cabelo no alto da cabeça” (ἄκρόκομοι, IV, v. 533), lanceiros pujantes e determinados, que dão, no seu acampamento, uma imagem de vigor e de disciplina militar (X, v. 464-475) na disposição das armas e dos cavalos, mesmo quando em repouso após o esforço do combate. É-lhes reconhecida perícia particular como cavaleiros (ἵπποπόλων Θρηκῶν, XIII, v. 4, XIV, v. 227), habituados aos rigores das suas “serras nevadas”, de píncaros altaneiros (ὄρεα νυφόντα, ἀκροτάτας κορυφάς, XIV, vv. 227-228), cruzadas com planícies férteis e profusão de rebanhos (XI, v. 222). Reso, o comandante trácio, encarna a riqueza da sua terra; senhor de belos corcéis, de uma brancura de neve e velozes na corrida, conduz um carro ornado de ouro e prata; no braço suporta “enormes armas de ouro ... armas que a homens mortais não fica bem envergar, mas tão somente aos deuses imortais” (X, vv. 435-441). Ainda da Trácia, vieram “os lanceiros Cícones” (II, vv. 846-847) e, da mais longínqua Macedónia, os “Peónios de arcos recurvos” (II, vv. 848-850, X, v. 428), identificados pela cidade de Amídon, “junto à ampla corrente do Áxio” (ἐξ Ἀμιδῶνος ἀπ’ Ἀξιοῦ εὐρὺ ρέοντος, II, v. 849, XVI, v. 288; cf. Ἀξιὸς εὐρυρέεθρος, XXI, v. 141), “cujas águas são as mais belas da terra” (κάλλιστον ὕδωρ ἐπὶ γαῖαν, XXI, v. 157-158) e fazem da região uma “Peónia de férteis sulcos” (XVII, v. 350, XXI, v. 154).

Regressando à Ásia, o catálogo progride em direcções mais remotas. Uma primeira menção vai para os Paflagónios (II, v. 851-855, V, v. 577, XIII, v. 656), vizinhos dos Énetos (provavelmente na Ilíria, II, v. 852) e do território conhecido pelas “mulas selvagens” que cria⁵²; são suas referências as cidades de Citoro (II, v. 853), de Sésamon (II, v. 853), de Cromna (II, v. 855), de Egéalo (II, v. 853) e de Eritinos (II, v. 855), no conjunto uma zona populacional forte na costa sul do Mar Negro, junto ao rio Parténio (II, v.

51 *Vide supra* a aplicação do mesmo epíteto a Tróia e a outras regiões férteis.

52 Os Énetos são aqui referidos como ocupantes de um território de onde as mulas têm origem. Uns versos adiante, II, v. 858, seguem-se os Mísios, que Anacreonte (*Poetae Melici Graeci*, 377) refere como inventores da domesticação das mulas.

854). Seguem-se os Halizonas (II, v. 856, V, v. 39), associados com Álibe, a sua capital (II, v. 857), “o local do nascimento da prata”⁵³.

Os Frígios merecem ao poeta da *Ilíada* referências mais insistentes e minuciosas. No catálogo dos aliados troianos, é-lhes valorizada a valentia e referida a sua remota terra de origem, “a longínqua Ascânia” (II, vv. 862-863, XIII, v. 793). No entanto, Príamo, na *teichoskopia* do Canto III (vv. 184-190), manifesta-se impressionado antes de mais com o número de combatentes de que dispõem, “donos de cavalos rutilantes” (πλείστους Φρύγας ἀνέρας αἰολοπόλους, III, v. 185; Φρύγες ἱππόδαμοι, X, v. 431), e com a valentia no enfrentar de duras campanhas. Da paisagem que habitam sobressaem os vinhedos (ἀμπελόεσσας, III, v. 184) e, como manda a convenção, o curso do rio Sangário (III, v. 187, XVI, v. 719). Junto aos Frígios, em região fortemente habitada (III, v. 401), são citados os Meónios, “que nasceram debaixo do Tmoló” (II, vv. 864-866; cf. Τμώλω ὑπὸ νιφόνετι, XX, v. 385), na “agradável” Meónia (III, v. 401, XVIII, v. 291), designação antiga da Lídia, e que se distinguem como condutores de carros de combate (Μήρονες ἱπποκορυσταί, X, v. 431)⁵⁴.

Vêm a seguir os Cários (II, vv. 867-875, X, v. 428), “senhores de Mileto e da montanha Ftires com alta folhagem, das correntes do Meandro e dos altos píncaros de Mícale” (II, vv. 868-869), onde o ouro abunda (II, v. 872, v. 875) a julgar pela armadura, recamada do precioso metal, do seu comandante. A completar o catálogo do canto II, são referidos os Lícios (II, vv. 876-877; cf. V, v. 482, V, v. 645, X, v. 430), povo da região da “ampla” Lícia (VI, v. 173, VI, v. 188, VI, v. 210), cortada pelos torvelinhos do Xanto (V, vv. 478-479, VI, v. 172). E o poema detém-se na enumeração da sua aparatosa prosperidade; assim, no diálogo entre dois Lícios, Sarpédon e Glauco, é-nos dado um retrato expressivo (XII, vv. 310-321):

*Glauco, por que razão nós dois somos os mais honrados
com lugar de honra⁵⁵, carnes e taças repletas até cima
na Lícia, e todos nos miram como se fôssemos deuses?
Somos proprietários de um grande terreno nas margens do Xanto,*

53 “De longe”, τηλόθεν, τηλοῦ, torna-se um advérbio regular na menção destes povos mais afastados (os Halizonas, II, v. 857, os Frígios, II, v. 863, os Lídios, II, v. 877, e os Lícios, V, v. 478, v. 479).

54 Esta é uma região fortemente irrigada por lagos e rios, que servem para identificar um dos seus filhos (XX, vv. 390-392): “Tu que nasceste junto ao lago Giges, (...) junto ao Hilo piscoso (ἰχθυόεντι) e ao Hermo revoltoso (δινίεντι).

55 Sale (1994, p. 61) considera que Glauco e Sarpédon, quando referem os bens da Lícia e a forma como deles tomam parte, o fazem como dois βασιλῆες; exercem, portanto, uma monarquia repartida.





*belo terreno de pomares, e de searas dadoras de trigo*⁵⁶.
Por isso é nossa obrigação colocarmo-nos entre os dianteiros dos Lícios, para enfrentarmos a batalha flamejante, para que assim diga algum dos Lícios de robustas couraças: 'Ignominiosos não são os nossos reis que governam a Lícia, eles que comem as gordas ovelhas e bebem vinho selecto, doce como o mel; pois sua força é também excelente, visto que combatem entre os dianteiros dos Lícios.'

Os Lícios vêm acrescentar, aos elementos convencionais na caracterização dos diferentes povos asiáticos, um outro requinte civilizacional; além de ricos (VI, v. 481) eles são – tal como os Troianos – requintados no uso dos seus bens; os banquetes abundantes e faustosos que animam a vida da corte lícia, farta e hospitaleira, são disso a prova (VI, v. 174). Mesmo assim, a combatividade é um dote que lhes é reconhecido (cf. XII, vv. 346-347, XII, vv. 359-360, XII, v. 375, XVI, v. 659). Distinguem-nos ainda, no campo de batalha, “as túnicas não cingidas” (XVI, v. 419), e, ao seu chefe, Glauco, as armas de ouro (VI, v. 235).

Outros catálogos de batalhões orientais sucedem-se na *Iliada*. Dólon, de espia transformado em delator, enumera os grupos aquartelados junto a Tróia (X, vv. 412-422); aos já acima referidos, acrescenta, de entre os Cários, os Léleges (Λελέγεσσι φιλοπολέμοισιν, X, v. 429; cf. XXI, v. 86), habitantes de Pédaso, nas margens do Satnioente (XX, v. 92, XXI, vv. 86-87) e, de entre os Paflagônios, os Cáucones (X, v. 429, XX, v. 329)⁵⁷.

Por fim, outras comunidades merecem ainda referência. É o caso da Cilícia, pátria de Andrómaca, a esposa de Heitor, onde uma corte habitava “a arborizada Placo, em Tebas Hipoplácia” (VI, vv. 396-397; cf. VI, v. 425, VI, v. 479; sobre Tebas Hipoplácia, cf. I, v. 366, II, v. 691, VI, vv. 415-416, XXII, v. 479), sendo a montanha o seu *ex libris*. Menções de passagem aludem ainda aos Hipomolgos, tribo de Citas “que bebem leite” (γαλακτοφάγων, XIII, v. 5-6) e aos Ábios “justíssimos”, um povo desconhecido (XIII, v. 6).

Se é o ataque e o saque de Tróia o que avulta na *Iliada*, como alvo central da cobiça aqueia, muitas outras cidades da Tróade foram também alvo de saques, com que os invasores certamente debilitaram a capacidade de resistência inimiga e reforçaram o seu próprio equipamento e provisões. Desses

⁵⁶ Cf. VI, vv. 194-195, onde são as mesmas as características do reino que os Lícios atribuíram a Belerofonte: “Um domínio senhorial superior a todos: terra de pomares e de lavoura”. Vide ainda XVI, v. 437, XVI, v. 514, XVI, v. 673, XVI, v. 683, XVII, v. 172.

⁵⁷ A sua situação de vizinhos do rio Parténio pode fazer dos Cáucones o aliado mais afastado de Tróia.



saques, a repartição entre os combatentes serve também de estímulo e de prêmio ao seu empenhamento no combate. É, de resto, uma dessas distribuições o que gera, entre Aquiles e Agamémnon, o diferendo que serve de motivo a todo o poema. O rei dos Mirmidões não hesita em acusar a Atrida de “zeloso do seu proveito” (κερδαλεόφρον, I, v. 149), desrespeitador dos benefícios consensualmente atribuídos aos seus companheiros de armas (I, vv. 161-162), tirando sempre vantagem, mesmo assim, na divisão dos bens que outros com mais mérito ajudaram a saquear (I, v v. 163-164). Quando visitado, na sua tenda, pela embaixada que pretende demovê-lo a voltar ao combate, Aquiles pode gabar-se de ter destruído “onze cidades da terra fértil de Tróia”, que lhe valeram despojos invejáveis, “em ouro, bronze, ferro e belas mulheres” (IX, vv. 329-330, IX, vv. 365-367); essas são as mulheres que virão a prantear Pátroclo em torno da sua pira (XVIII, vv. 341-342; cf. XIX, v. 60, XIX, vv. 295-296, XX, vv. 89-92, XX, vv. 191-193). De Tebe, cidade da Cilícia, Aquiles recorda também o saque arrasador (I, vv. 366-367).

Estes são apontamentos que alargam a visão homérica do oriente para além do contexto imediato de Tróia.

A GESTÃO POLÍTICA DE TRÓIA

Príamo é, por força da descendência legítima da linhagem troiana, o soberano em exercício na cidadela de Tróia (XX, v. 215-240); por isso se banaliza a referência a Tróia como “cidade de Príamo” (e. g., I, v. 19, II, v. 37, II, v. 332, II, v. 373, VII, v. 296). Tal não significa, porém, que o regime adoptado em Tróia seja uma monarquia absoluta e tirânica; a cidade tem instituições, uma assembleia, um conselho, além de um rei⁵⁸. De facto, as decisões podem ser tomadas em assembleia, onde Troianos e aliados têm liberdade de intervenção e mesmo espaço para crítica sobre as políticas adoptadas, embora pareça haver um ascendente da posição régia, que, em caso de divergência, prevalece⁵⁹.

58 Hall (1989, p. 15), alarga ainda o âmbito dos limites colocados à autoridade régia quando escreve: “A autoridade de cada rei é também controlada pela participação da sua família numa rede intrincada de obrigações e alianças, criada por casamentos e pela *xenia*”.

59 Sale (1994, p. 17), se por um lado reconhece, com alguns estudiosos, que existe na *Ilíada* “a ideia de subordinação individual aos interesses da pólis como parte do retrato de Tróia”, não deixa de afirmar também que “a pólis não tem força suficiente para impor a sua vontade aos cidadãos, pelo menos aos que provêm de *oikoi* poderosos”. Daí conclui, numa questão altamente polémica, que o modelo mais interventivo no desenho de Tróia é o da cidade-estado do séc. VIII a. C.; ou seja, sobre todas as referências ao passado, a versão do séc. VIII a. C. não deixa de marcar o poema com a sua contemporaneidade. Não deixamos de contrapor a esta posição, o compromisso sensato que Hall (1989, p. 14), prefere na sua avaliação do problema: em primeiro lugar, a versão do poema é artística, com todo o irrealismo de que a criatividade goza; e o resultado nem corresponde por inteiro às monarquias centralizadas da época micénica, nem às cidades-estado iónicas, emergentes no séc. VIII a. C.



Várias são as assembleias que o evoluir da guerra justifica em Tróia. A primeira (II, vv. 786-808) não envolve ainda um debate entre os participantes, mas serve para promover o movimento defensivo dos Troianos perante a arremetida aqueia que se adivinha. É Íris, sob disfarce de Polites, um dos filhos de Príamo de sentinela aos avanços inimigos, quem desencadeia esta decisão urgente. Reuniram-se os Troianos e seus aliados, numa assembleia sem restrições de idade – “tanto novos, como velhos”, II, v. 789 -, “perto dos portões de Príamo”. A deusa reconhece que a tradição nas assembleias implica uma longa discussão, estimulada pelo velho soberano (II, vv. 796-797): “Ancião, sempre te são caras as palavras, como outrora em tempo de paz”⁶⁰.

Essa é, porém, neste momento uma prática inoportuna, dada a urgência de se passar à acção. A barreira linguística aparece também como uma dificuldade de comunicação acrescida, que a emergência deve ultrapassar com a eficácia dos gestos (II, vv. 803-806):

*É que na grande cidadela de Príamo estão muitos aliados;
e tem a sua própria língua cada um destes homens dispersos.
Que cada um faça sinal àqueles que estão sob seu comando,
e que os conduza para fora, uma vez organizados os cidadãos.*

A par das assembleias plenárias que juntam, indistintamente, velhos e novos, Príamo dispõe de um de conselho de anciãos, integrando o soberano e os seus irmãos⁶¹, que, em tempo de combate, se reúne, dado que a velhice afasta os seus elementos do campo de batalha. Vemo-los reunidos, junto às portas Esqueias (δημεγέροντες ἐπὶ Σκαιῆσι πύλῃσι, III, v. 149) e ouvimos referir-lhes os nomes (III, vv. 146-149). E se as forças lhes faltam, são, em contrapartida, “excelentes oradores” (ἀγορηταὶ ἐσθλοί, III, vv. 150-151). A designação de “regentes troianos” (Τρώων ἡγήτορες, III, v. 153) que lhes é aplicada não deixa dúvidas sobre a sua influência política junto do rei⁶². De resto, veremos como as decisões a tomar por Heitor no campo de batalha estão condicionadas pela sua suprema concordância.

60 Μῦθοι φίλοι ἄκριτοι (II, v. 796) é uma expressão que sublinha a simpatia de Príamo pelas discussões alongadas, a que ἄκριτοι “confusas, sem disciplina”, parece acrescentar o tom de “não controladas ou submetidas a nenhuma restrição”, e portanto “livres”. Kirk (I, 1985, p. 245) encontra para o adjectivo ἄκριτοι uma outra interpretação de “incontáveis, avassaladoras pela quantidade de palavras”.

61 Sobre o conselho dos anciãos e as suas prerrogativas, vide SALE, 1994, p. 70-74.

62 Face a esta atitude de Príamo e às condicionantes da sua governação, Sale (1994, p. 9) pode afirmar que, enquanto os povos gregos em Tróia constituem “monarquias absolutas com uma economia militar e uma classe guerreira”, a cidade de Tróia é uma oligarquia ou aristocracia com um rei fraco; é dominado por um Conselho de Anciãos e tem falta de uma classe militar: com raras excepções os seus homens ocupam-se de tarefas próprias de tempo de paz”.



Mais polémica foi a assembleia (“feroz e tumultuosa”, VII, v. 346) que de novo reuniu os Troianos “às portas do palácio de Príamo” já as hostilidades prosseguiram com violência. O assunto central era delicado: a possibilidade de se pôr fim à guerra com a devolução de Helena aos Aqueus. Antenor, que já antes (III, vv. 159-160), no conselho de anciãos, partilhava o consenso generalizado da urgência da devolução de Helena e dos tesouros que a acompanhavam, como forma de evitar o combate e males maiores no futuro – além de reconhecer que a justiça não assistia a Tróia nesta campanha –, toma agora uma posição mais acutilante e veicula, na assembleia, a opinião do conselho. Talvez a sua prudência como orador (πεπνυμένος ἤρχ’ ἀγορεύειν, VII, v. 347) lhe atribuisse esse papel. Aqui, porém, o consenso não se verifica; em tom de discordância, Páris levanta-se para defender os interesses da sua paixão. No que configura uma espécie de *agôn*, o príncipe troiano começa por um elogio do opositor (VII, v. 358), apenas como ponto de partida para a recusa daquela que é, do seu ponto de vista, a estranha proposta do adversário (VII, v. 357, VII, vv. 359-360). E dirigindo-se agora a todo o auditório, não hesita em afirmar categoricamente a sua recusa em devolver Helena, embora esteja disposto a restituir os tesouros de Menelau, acrescidos com algumas dádivas de sua iniciativa (VII, vv. 361-364, VII, vv. 389-391)⁶³. Em tão decisiva polémica, Príamo assumiu o papel de árbitro e pronunciou uma sentença que mereceu a submissão de todos (VII, v. 379), apesar de qualquer íntima discordância (VII, v. 393). Sem confrontar Antenor, o rei apoia, com ordens de execução imediata, o protesto de Páris; discretamente ordena que cada um retome a sua posição de vigilância, deixando subentendida a continuidade da guerra. Apoiando a compensação que o filho se mostrara disposto a dar, Príamo não encara outro futuro para Tróia que não seja o do regresso às hostilidades (VII, vv. 368-378).

Além das assembleias formais e plenárias, onde a autoridade de Príamo ouve opiniões dos conselheiros ou do povo, verdadeiras reuniões de emergência podem ser feitas no próprio terreno de luta. Heitor, que não tem autoridade política, mas que é responsável pelo comando das tropas no campo de batalha, tem dessas reuniões a iniciativa. Do ambiente próprio desses conselhos de guerra dão testemunho as divergências que Heitor tende a ter com Polidamante⁶⁴, uma voz que ousa romper a barreira da chefia e contradizê-la (XII, vv. 211-215):

63 Ἀγορεύειν é o verbo repetido para aludir à capacidade oratória em contexto de assembleia; VII, v. 347, v. 357, v. 359, v. 361, v. 367.

64 Companheiro de sempre de Heitor, porque nascido na mesma noite, Polidamante não hesitava em confrontar o líder e em erguer a palavra na assembleia, sempre com intenção louvável (XVIII, vv; 251-253). Sale (1994, p. 60) atribui-lhe a função de ‘comandante de campo’ (*chief of staff*) de Heitor.



*Heitor, sempre me repreendes nas assembleias,
embora eu diga coisas justas, visto que não fica bem
que alguém do povo te contradiga, seja na deliberação
ou na guerra, pois deve sempre aumentar o teu poder.
Mesmo assim agora direi aquilo que me parece melhor.*

A reacção de Heitor não deixa dúvidas sobre esse mesmo ascendente a que a hierarquia lhe dá direito; às censuras veementes (XII, vv. 231-234, XII, vv. 246-247), acrescenta, de modo firme, a sentença de morte e a execução imediata para todo aquele cuja cobardia ponha em causa a sobrevivência colectiva (XII, vv. 248-250; cf. XV, vv. 347-351). Censuras semelhantes serão repetidas pelo mesmo Polidamante, numa altura em que se anunciava uma retirada cobarde dos Troianos perante a reacção inimiga (XIII, vv. 726-735). Desta vez, não só Polidamante se arrisca a contradizer Heitor, como dá da chefia uma avaliação. Do seu ponto de vista, comandar exige distintas competências, difíceis de reunir num só homem, quando a natureza parece ter distribuído os diversos dotes por diferentes criaturas. O príncipe troiano é disso mesmo exemplo (XIII, vv. 727-729):

*Porque o deus te concedeu preeminência nas façanhas guerreiras, também
por isso queres estar acima de todos no conselho;
só que tu próprio não serás capaz de abarcar todas as coisas.*

Dossiê

Ora, nesta espécie de lição de democracia, Polidamante valoriza o sentido da cooperação, o saber reunir as vantagens de cada um ao serviço de todos; e, sobretudo, quando está em causa a sobrevivência, mais do que a valentia é uma “mente com vistas largas” o que salva (νόον εὐρύποπα, XIII, vv. 732-733).

Sale (1994, p. 59-60) flexibiliza o estatuto de comandante de Heitor. Reconhece que, por vezes, lhe é necessário ‘persuadir’ os seus homens, em outros casos ‘estimulá-los’ e, por fim, ‘dar ordens’. E daí conclui, o que parece evidente, que a autoridade de Heitor é relativa. O próprio comando militar está condicionado pelo conselho de anciãos; assim o reconhece Heitor, lamentando a inoportunidade, em certas circunstâncias, das suas decisões (XV, vv. 721-723),

*(...) trazendo-nos muitos sofrimentos devido à cobardia
dos anciãos, que quando eu queria lutar junto das popas
das naus me refrearam e retiveram o exército.*

ou dispondo-se a informá-los em momentos específicos (VI, vv. 113-115).



Quando a noite traz uma trégua ao combate (VIII, v. 489), Heitor promove uma reunião com o objectivo de partilhar com os seus subordinados um plano de guerra. Ao palácio, substituem-se “os redemoinhos do rio” (VIII, v. 490), em sítio livre dos destroços da luta. O debate está arredado deste outro modelo de assembleia, onde o comandante, de lança em punho como símbolo da sua autoridade, se limita a traçar planos que o seu auditório acata sem reticências (VIII, vv. 497-541). O projecto de Heitor submete-se às condições; a noite impõe uma trégua no confronto do inimigo, mas apresenta-se como um tempo que não deve desmobilizar a defesa troiana e a sua estratégia. Se as chamas das fogueiras, que urge acender, prometem, aos guerreiros extenuados, uma refeição e um merecido repouso, elas são também uma forma de vigilância que previna a retirada clandestina do inimigo. Em contrapartida, a cidadela deve manter-se atenta contra outra possível reacção aqueia, a de tentar um último assalto. Com o anúncio de que novas ordens serão dadas no dia seguinte, Heitor procura contagiar os seus homens do mesmo ânimo de vencer que o domina.

Firme numa condução correcta da defesa de Tróia, Heitor assume a responsabilidade de mobilização dos seus homens para o prosseguimento da resistência. Tal como, na gestão da cidade, Príamo dispõe de um conselho de anciãos com quem partilha opiniões, também Heitor, no terreno de luta, convoca para uma assembleia (κυκλήσκειτο) “todos os que eram mais nobres, todos os que eram regentes e comandantes dos Troianos” (X, vv. 300-301). Trata-se agora de encontrar um voluntário para uma missão de alto risco, a espionagem em terreno inimigo. Sem discutir a oportunidade estratégica desta investida, o príncipe limita-se, muito pragmaticamente, a anunciar o seu propósito e um prémio tentador para quem se disponha a concretizá-lo. É clara a determinação do chefe, que não deixa margem à contestação ou ao enunciado de alternativas. Mas mais do que autoridade, Heitor dá, neste momento, prova também de perspicácia persuasiva; perante a disponibilidade de Dólón⁶⁵, condicionada a um prémio de excelência – os cavalos do próprio Aquiles –, o príncipe assume

65 Dólón parece revestir, sob várias perspectivas, o retrato de um asiático. De origem comum, filho de um arauto, impunha-se, entre os Troianos, em primeiro lugar, pela riqueza, “homem rico em ouro e rico em bronze” (X, v. 315; assim se justifica a sua tentativa, X, vv. 378-381, de propor um resgate, quando se vê ameaçado por Diomedes e Ulisses). A circunstância de se tratar de um “único irmão entre cinco irmãs” (X, v. 317), enunciado este menos justificável quando estamos diante de um qualquer membro da sociedade troiana, talvez tenha por objectivo produzir o efeito de uma espécie de harém feminino a rodear um oriental. O que, de certo modo, prepara a sua reacção covarde no terreno; na hora de defrontar a espionagem inimiga, assumida por Diomedes e Ulisses, Dólón não foi capaz sequer de esconder o terror, que as suas reacções denunciavam de modo exuberante (X, vv. 375-376): “Aterrorizado, balbuciando e com os dentes a chocalhar na boca, pálido de medo” (cf. X, v. 390). Ele é, portanto, na imagem como na fragilidade e covardia, o contraste entre o guerreiro asiático e o destemor de dois verdadeiros heróis aqueus.



o compromisso determinante para a decisão do seu subordinado. Mas o poeta não deixa de assinalar como esta promessa parece vã e excessiva, embora suficiente para que se obtenha o resultado pretendido (X, v. 332): “Assim dizendo, jurou em vão, incitando embora o outro”⁶⁶.

Por fim, quando em definitivo o progresso do combate se alterou com a morte de Pátroclo e com o regresso de Aquiles ao campo de batalha, uma nova assembleia justifica-se para rever estratégias. O medo que a todos dominava manifestou-se na atitude colectiva; desta vez o conselho de guerra antecipa-se ao repouso e ao jantar, como uma prioridade absoluta; e em vez de se acomodarem para ouvir as palavras do seu chefe, “ficaram de pé enquanto durava a assembleia e nenhum ousou sentar-se” (XVIII, vv. 246-247). Mais uma vez, só Polidamante levantou a voz e, como sempre, para divergir de Heitor. Em discussão esteve o modelo de combate a adoptar, em campo aberto ou por trás da protecção das muralhas. Sem temer uma acusação de cobardia, Polidamante fez ouvir argumentos de prudência, que aconselhavam o resguardo dos combatentes na cidadela⁶⁷. Do alto das muralhas, depois de um descanso seguro que lhes permitiria retemperar forças, poderiam confrontar o inimigo com maior sucesso do que se se expusessem, em campo aberto, à fúria desenfreada de Aquiles (XVIII, vv. 254-283). Heitor responde à proposta com argumentos simétricos (XVIII, vv. 284-309); a protecção dentro das muralhas equivale, na sua opinião, a encurralar-se, mal de que a cidade vem sofrendo de há anos. É chegada, para Heitor, a hora de correr riscos; é com a onsciência deles, mas com argumentos de militar, que ele impõe a sua vontade, sem permitir sequer uma maior ponderação (XVIII, vv. 296-297):

*Nem um dos Troianos te dará ouvidos! Não o permitirei.
Mas agora àquilo que eu disser obedecemos todos.*

Colocado diante de tão controversas posições, o exército deixou-se levar pelo conselho ousado de Heitor, sem que o poeta deixe de ratificar a afirmação de Polidamante de que a virtude militar e a prudência não habitam num mesmo homem (XVIII, vv. 312-313):

*A Heitor, que dera maus conselhos, louvaram;
mas a Polidamante ninguém louvou, ele que dera excelente conselho.*

66 West (2011, p. 242) entende que a promessa de Heitor a Dólón tem por objectivo apenas antecipar a ideia de que este não ganhará os cavalos, sem que haja propriamente um indício de dolo da parte do príncipe troiano.

67 Sobre a estrutura deste discurso de Polidamante, vide KIRK, EDWARDS, V, 1991, p. 176-177.



A questão de combater em campo aberto ou sob a protecção das muralhas implica a avaliação de outra perspectiva da guerra: a da defesa da própria cidadela, quando a estratégia se torna mais defensiva do que ofensiva. Se o número, quando se tratou do ataque persa à Grécia, no séc. V a. C., veio a ser tomado como um factor relevante – da parte dos invasores lido como uma promessa de vantagem e de vitória, da dos Gregos como um benefício do adversário a neutralizar -, o mesmo elemento não é estranho à *Iliada* na avaliação da capacidade relativa dos dois campos. Ora no caso troiano, os Aqueus detinham a vantagem⁶⁸; no entanto, a posição dos defensores troianos compensou a desvantagem numérica com o ideal, tal como, no futuro ataque do oriente à Grécia, aconteceu com estes, então na posição de invadidos. Em VIII, vv. 55-57, reconhece-se quanto aos Troianos: “Eram em menor número, mas ávidos de combater na luta pela necessidade de defender os filhos e as mulheres” (cf. II, v. 122, II, vv. 125-130). Quando entrincheirados dentro da muralha, os mesmos Troianos pareciam reforçados e mais capazes de resistir à destruição inimiga (XXI, vv. 586-588). De resto Príamo, na retaguarda, não deixou de tomar algumas precauções defensivas; criou cães com o objectivo de estabelecer uma barreira à penetração na cidadela (XXII, vv. 68-69). E, na hora extrema, ao opor a Heitor, na sua preferência por lutar em campo aberto, um impedimento eficaz, o velho soberano testou a capacidade defensiva das muralhas. Por sua ordem, os portões abriram-se para acolher os fugitivos da perseguição de Aquiles (XXI, vv. 531-541, XXII, vv. 1-3), excluindo apenas Heitor que, resistindo a todos os apelos, se manteve exposto, no exterior, ao assalto do inimigo (XXII, vv. 5-6). Não lhe faltou, porém, na hora da decisão, memória do debate travado com Polidamante e o reconhecimento da sensatez do seu comandante de campo (XXII, vv. 99-103).

Como responsável máximo pela resistência troiana após a morte de Heitor, Príamo centraliza a imagem política de um negociador sensato e responsável e justifica o ascendente de que Tróia gozava entre os Asiáticos. Na qualidade de pai que acaba de perder o melhor dos seus filhos, a cujo cadáver deve a obrigação de garantir resgate e sepultura, ei-lo disposto, por inspiração divina, a um jogo de risco com aliados e inimigos. Antes de mais – alerta-o Hécuba -, ousar percorrer o terreno que o separa do aquartelamento aqueu e dirigir-se a Aquiles é embaixada que, pelo seu perigo extremo, põe em causa a imagem de bom senso de que o rei de Tróia gozava entre aliados e povos sob seu domínio (ἐπ’ ἀνθρώπους κείνους ἢ δ’ οἴσιν ἀνάσσεις, XXIV, vv. 201-202). O próprio Hermes que, sob disfarce, o irá acompanhar na sua aventura

68 Embora, se acrescentado o número de aliados, a investida contra Tróia pareça revestir para a multidão dos Aqueus um problema (II, vv. 130-133; cf. VIII, vv. 560-563).

diplomática, o reconhece também. Este será, sem dúvida, o maior rasgo de governação que a *Ilíada* reserva ao velho soberano de Tróia.



CONCLUSÃO

No seu conjunto, os elementos accionados pelo poema para a caracterização dos Troianos têm de ser avaliados com prudência. Parece claro que não se pretende uma dicotomia bem definida entre o lado asiático e o grego. Pelo contrário, muitos dos elementos caracterizadores do universo asiático, em termos geográficos e antropológicos, coincidem com os que se aplicam aos Gregos. Mesmo assim subjazem, no pormenor, às descrições do oriente alguns elementos que se lhe podem considerar próprios, e que globalmente definem uma diferença elementar.

Mais importante parece, no entanto, que os critérios utilizados – focados na paisagem, na construção urbana, no quotidiano luxuoso e no regime político – venham a ser, genericamente, os mesmos, que o mundo clássico usou no retrato do que então se chamou, com outro significado, ‘bárbaro’. E, no entanto, podemos rematar com Hall (1989, p. 154): “Etnografia, exótico e chauvinismo surgem por vezes na poesia, mas dificilmente afectam o mundo dos heróis, onde o status se consegue pela linhagem e pelo valor, e nunca pela etnicidade”.

BIBLIOGRAFIA

- ANDREWS, P. B. S. The falls of Troy in Greek tradition. *Greece and Rome*, London, 12, 1, 1965, p. 28-37.
- BOWRA, Cecil Maurice. Homeric epithets for Troy. *Journal of Hellenic Studies*, Cambridge, 80, 1960, p. 16-23.
- GRIFFIN, Jasper. Homer pastoral and the New East. *Studi Italiani di Filologia Classica*. Firenze, 85, 1, 1992, p. 552-576.
- HALL, Edith. *Inventing the barbarian. Greek self-definition through tragedy*. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1989.
- KIRK, Geoffrey Stephen. *The Iliad: a commentary*. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *The Iliad: a commentary*. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- KIRK, Geoffrey Stephen, HAINSWORTH, Bryan. *The Iliad: a commentary*. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KIRK, Geoffrey Stephen, JANKO, Richard. *The Iliad: a commentary*. IV. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.



KIRK, Geoffrey Stephen, EDWARDS, Mark. **The Iliad: a commentary**. V. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KIRK, Geoffrey Stephen, RICHARDSON, Nicholas. **The Iliad: a commentary**. VI. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOURENÇO, Frederico. **Homero. Iliada**. Lisboa: Cotovia, 2005.

MAZON, Paul. **Homère. Iliade**. I. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

MORRIS, Ian. The use and abuse of Homer. *In*: CAIRNS, Douglas. **Oxford readings in Homer's Iliad**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 57-91.

MUGLER, Charles. L'altérité chez Homère. **Revue des Études Grecques**, Paris, n. 82, 1969, p. 1-13.

SALE, William Merritt. The formularity of the place-phrases in the *Iliad*. **Transactions of the American Philological Association**, Philadelphia, n. 117, 32, 1987, p. 21-50.

_____. The government of Troy. Politics in the *Iliad*. **Greek, Roman and Byzantine Studies**, Durham, 35. 1, 1994, p. 5-102.

WEST, Martin. **The making of the Iliad**. Oxford: Oxford University Press, 2011.